

CRISE ECONÔMICA OU OPORTUNIDADE PARA REFINAMENTO DA CONSCIÊNCIA SOCIOAMBIENTAL? A CONTRIBUIÇÃO DE MOVIMENTOS MUNDIAIS PARA A CONSOLIDAÇÃO DE PERSPECTIVAS ECONÔMICAS HARMÔNICAS COM O IDEÁRIO DA ECONOMIA SOLIDÁRIA.

Paulo Roberto da Silva – Pós-doutorado em Sociologia Econômica e das Organizações (SOCIUS/ISEG/UTL) – Professor Associado da Universidade Federal Fluminense.

prabundanci@gmail.com

GT5-Sociedade Civil e Políticas Públicas

Resumo

O presente estudo compartilha reflexão sobre o insatisfatório desempenho dos indicadores econômicos convencionais para orientar as pessoas e as políticas públicas, bem como a contribuição potencial de vários movimentos mundiais para a consolidação de uma perspectiva econômica alternativa harmônica com o ideário da Economia Solidária. Os movimentos mundiais que ilustram a argumentação apresentada são: Simplicidade Voluntária, Devagar e Ócio Criativo, embora existam muitos outros. A interpretação peculiar sobre a chamada crise econômica demonstra o caráter destrutivo inerente à Teoria Econômica Predominante (TEP), ou seja, abordagens econômicas baseadas no paradigma da escassez. A prática desta orientação há séculos resultou numa desigualdade sem precedentes. Várias propostas de superação da TEP têm surgido e uma delas é a Economia Baseada na Abundância (EBA!), aqui caracterizada.

Introdução

Grande atenção tem sido destinada para a chamada Crise Econômica. Configura-se um cenário de tensão, apreensão e ansiedade. Concomitantemente, os problemas ambientais têm se mostrado mais graves do que a maioria das previsões dos especialistas. A visão corrente costuma acolher o entendimento de que é preciso sacrificar a natureza para promover o sustento das pessoas. Todavia os elevados níveis das tensões sociais e ambientais parecem demonstrar o completo esgotamento desta via.

A Economia Solidária é um instrumento que costuma se destacar nos momentos de crise. Suas principais características (acolhimento, solidariedade, cooperação, partilha, participação ativa etc.) favorecem a superação das dificuldades. Contudo parece também frequente que, após a superação dos desafios iniciais, os empreendimentos solidários bem

sucedidos promovam a inserção privilegiada dos participantes na Economia dominante e a emancipação dos princípios solidários evocados para sua constituição. Paul Singer, na obra de Cattani (2003: 117), referiu-se a essa tendência como *isoformismo institucional*. Isso nos encaminha para o questionamento da visão econômica dominante, capaz inclusive de se apropriar da Economia Solidária.

O presente artigo tem o objetivo de refletir sobre a atual crise econômica, os fundamentos da Teoria Econômica Predominante (TEP), uma das várias propostas alternativas à TEP, bem como alguns movimentos mundiais que sugerem uma perspectiva diferente da estabelecida e compatível com as características da Economia Solidária. A questão orientadora é a seguinte: existiria outra perspectiva econômica para a análise dos eventos contemporâneos? Explora-se a possibilidade de uma resposta afirmativa, visando à identificação e ao aproveitamento de uma suposta oportunidade ímpar na história da humanidade. Torna-se necessário, no entanto, o vislumbre de vias interpretativas heterodoxas que inspirem outros sentimentos, pensamentos e comportamentos cotidianos, como orienta a abordagem quântica¹.

Para alcançar esse objetivo, utilizou-se a seguinte estratégia:

- a) apresentação das evidências sobre a perversidade da Teoria Econômica Predominante (TEP);
- b) após a desconstrução da concepção dominante de riqueza, apresenta-se a Economia Baseada na Abundância (EBA!), uma das várias propostas de superação da TEP; e
- c) ilustração do pragmatismo da EBA! através da caracterização da sua harmonia com alguns movimentos mundiais que propõem uma visão distinta da dominante e compatível com o ideário da Economia Solidária.

Espera-se, dessa forma, oferecer uma contribuição para a transformação da atual crise econômica numa oportunidade de refinamento dos níveis de consciência individuais e coletivo, aspecto que favoreceria o recrudescimento da Economia Solidária.

Origem da Crise Econômica

Quando começou a atual crise econômica? Esta pergunta é interessante porque remete a reflexão para as origens do problema. Parece evidente que as crises se originam em comportamentos que antecedem ao surgimento dos resultados negativos captados pelos

¹ Sobre a abordagem quântica de ciência, ver: Capra (2002a: 21-105) e Torben e Wolf (2004).

indicadores econômicos, assim como a febre é decorrência de eventos anteriores à elevação da temperatura corporal medida por um termômetro.

É possível que a atual crise econômica em curso no Brasil se inscreva num contexto de transformação da humanidade como um todo. Segundo Capra (2005:19):

As últimas décadas de nosso século [XX] vêm registrando um estado de profunda crise mundial. É uma crise complexa, multidimensional, cujas facetas afetam todos os aspectos de nossa vida – a saúde e o modo de vida, a qualidade do meio ambiente e das relações sociais, da economia, tecnologia e política. É uma crise de dimensões intelectuais, morais e espirituais; uma crise de escala e premência sem precedentes em toda a história da humanidade. Pela primeira vez, temos que nos defrontar com a real ameaça de extinção da raça humana e de toda a vida no planeta.

E complementa da seguinte forma - Capra (2005: 30-31):

A transformação que estamos vivenciando agora poderá muito bem ser mais dramática do que qualquer das precedentes [o surgimento da civilização com o advento da agricultura no começo do Neolítico, a ascensão do cristianismo na época da queda do Império Romano e a transição da Idade Média para a Idade Científica], porque o ritmo da mudança é mais célere do que no passado, porque as mudanças são mais amplas, envolvendo o globo inteiro, e porque várias transições importantes estão coincidindo. As recorrências rítmicas e os padrões de ascensão e declínio que parecem dominar a evolução cultural humana conspiraram, de algum modo, para atingir ao mesmo tempo seus respectivos pontos de inversão. O declínio do patriarcado, o final da era do combustível fóssil e a mudança de paradigma que ocorre no crepúsculo da cultura sensualista, tudo está contribuindo para o mesmo processo global. A crise atual, portanto, não é apenas uma crise de indivíduos, governos ou instituições sociais; é uma transição de dimensões planetárias. Como indivíduos, como sociedade, como civilização e como ecossistema planetário, estamos chegando a um momento decisivo.

Transformações culturais dessa magnitude e profundidade não podem ser evitadas. Não devem ser detidas mas, pelo contrário, bem recebidas, pois são a única saída para que se evitem a angústia, o colapso e a mumificação. Precisamos, a fim de nos prepararmos para a grande transição em que estamos prestes a ingressar, de um profundo reexame das principais premissas e valores de nossa cultura, de uma rejeição daqueles modelos conceituais que duraram mais do que sua utilidade justificava, e de um novo reconhecimento de alguns dos valores descartados em períodos anteriores de nossa história cultural. Uma tão profunda e completa mudança na mentalidade da cultura ocidental deve ser naturalmente acompanhada de uma igualmente profunda alteração nas relações sociais e forma de organização social – transformações que vão muito além das medidas superficiais de reajustamento econômico e político que estão sendo consideradas pelos líderes políticos de hoje.

As citações anteriores sugerem que a crise atual se constitui numa oportunidade de transformação radical da consciência (individual e coletiva), da forma de observar e se comportar no mundo.² Se isso faz algum sentido, seria desejável identificar a motivação comum nesses vários séculos de tensão e que talvez fosse interessante superar. Propõe-se a seguinte: busca pelo poder social (externo, sobre os outros) – Backer (2005: 171-172). É desnecessário descrever os fabulosos benefícios que o poder social proporciona, considerando uma visão egoísta e desconectada de toda a existência. Esse grande estímulo, sob o ponto de vista adotado neste texto, é a manifestação social que motivou as tensões socioambientais que a humanidade experimenta e que deveria ser superada. Os próximos tópicos se fundamentam nesta premissa. Como a ênfase dessa reflexão recai sobre a crise econômica, considera-se relevante estabelecer a relação entre a busca pelo poder social e a Teoria Econômica Predominante (TEP).

Teoria Econômica Predominante (TEP) e a Busca pelo Poder Social

A reflexão sobre a relação entre a busca pelo poder social e a Economia dominante requer a visita aos fundamentos da teoria econômica. Este entendimento é corroborado por Capra (2002b: 192), sintetizando afirmações de Hazel Henderson, da seguinte forma:

[...] a atual confusão de nossa economia exige que questionemos os conceitos básicos do pensamento econômico contemporâneo. Ela [Henderson] cita uma miríade de provas que corroboram sua tese, inclusive declarações de vários conceituados economistas que reconhecem o fato de sua disciplina ter chegado a um impasse. Porém, o mais importante, talvez, é a observação de Henderson segundo a qual as anomalias que os economistas já não sabem como enfrentar são hoje dolorosamente evidentes para todo e qualquer cidadão. Passados dez anos, e em face dos déficits e endividamentos generalizados, da destruição incessante do meio ambiente e da persistência da pobreza em meio ao progresso mesmo nos países mais ricos, essa afirmação não perdeu nada em sua pertinência.

O exame dos fundamentos da teoria econômica poderia partir da premissa de que qualquer área do conhecimento alcança maior importância social quando seu paradigma³ se expande. Então seria válido construir o esquema apresentado na ilustração 1.

² Sobre elevação do nível de consciência e possível visão de mundo emergente, ver Silva (2006 : 37-63).

³ Paradigma, para fins deste texto, “[...] diz respeito às formas básicas de perceber, pensar, avaliar e agir, associadas a uma visão particular da realidade. [...]” – Harman (1994: 28).

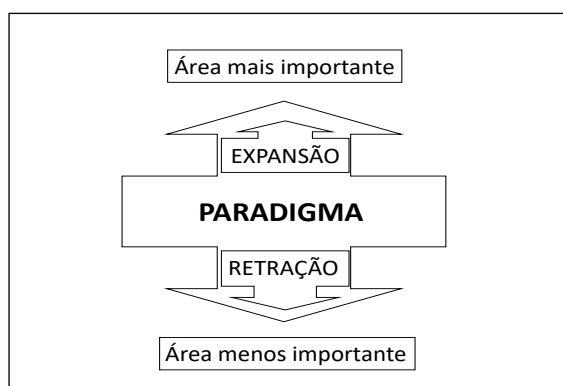


Ilustração 1: paradigma e importância social de uma área do conhecimento.

A observação da ilustração 1 encaminha a análise para a pergunta essencial: qual é o paradigma da Economia? Como é facilmente comprovado em qualquer manual de Economia, o seu paradigma é: escassez. A ilustração 2 incorpora esta desconcertante constatação ao esquema apresentado antes.

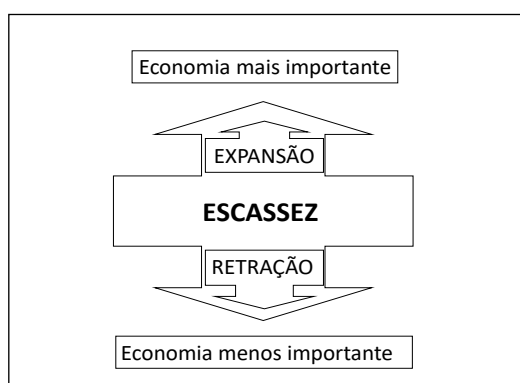


Ilustração 2: escassez e importância social da Economia.

A ilustração 2 indica que a importância social da Economia cresce quando a escassez se expande. Vários autores afirmam que um estado de abundância reduziria sua relevância – Varian (2000: 47), Pinho e Vasconcellos (1998: 12), Rossetti (2000: 205).

Em virtude do exposto depreende-se que toda a estrutura teórica baseada na escassez (teorias, abordagens, sistemas e modelos) estimula a expansão da própria escassez. Constata-se, então, que perseguir o crescimento da Economia dominante equivale a estimular a expansão da escassez, da destruição da natureza e da desigualdade. Tolstói (1994: 206), há mais de cem anos, sintetizou brilhantemente esta argumentação da seguinte forma: “Do ponto de vista econômico, sustenta-se uma teoria que pode ser formulada assim: ‘Quanto pior, melhor.’ [...].”

Para expandir a escassez a Teoria Econômica Predominante⁴ estimula a manifestação das características humanas menos elogiáveis, tais como: medo, agressividade, egoísmo, competição, avareza etc., desarmônicas com o ideário da Economia Solidária. Keynes, talvez o mais reconhecido economista do século XX, escreveu que a avareza, a usura e a precaução devem ser endeusadas e que todos devem preferir o injusto ao justo para estimular o crescimento econômico – Schumacher (1983: 20). Tal perspectiva reduz a qualidade de vida das pessoas. Sobre esse assunto, Baker (2005: 72) afirma que:

Quando temos medo de que as nossas necessidades não serão satisfeitas [ambiente de escassez], nos envolvemos em atos impulsivos de autopreservação ou em mecanismos de defesa para nos proteger. Esses mecanismos infelizmente tornam-se psicopatologia que nos separa não apenas das outras pessoas como também do nosso verdadeiro eu. [...].

Assim, conhecendo ou não a Teoria Econômica Predominante, a dedicação quase que integral ao processo econômico⁵ gera comportamentos cotidianos que fomentam a escassez e desgastam as relações sociais (desigualdade) e o meio ambiente.

Vários autores afirmam que a desigualdade é o nó civilizatório que deve ser desatado – Stiglitz (2013), Lévesque (2007: 50), Birdsall (2006). Sob este ponto de vista, todos os estímulos à concentração de poder social, matéria-prima da desigualdade, devem ser vistos com ceticismo. Torna-se relevante, portanto, destacar a ligação entre a Teoria Econômica Predominante e a concentração de poder social.

Definir poder é uma tarefa inglória. Segundo Foucault (1979: 75):

Esta dificuldade – nosso embaraço em encontrar as formas de luta adequadas – não virá de que ainda ignoramos o que é o poder? Afinal de contas, foi preciso esperar o século XIX para saber o que era a exploração, mas talvez ainda não se saiba o que é o poder. E Marx e Freud talvez não sejam suficientes para nos ajudar a conhecer esta coisa tão enigmática, ao mesmo tempo visível e invisível, presente e oculta, investida em toda parte, que se chama poder. [...].

⁴ Teoria Econômica Predominante é a expressão adotada por Silva (2006) para denominar as abordagens econômicas baseadas na escassez. Inclui a capitalista (de mercado), planejada (socialista), bem-estar social e desenvolvimento sustentável.

⁵ Processo econômico, para fins deste texto, significa o conjunto de atividades relacionadas com a obtenção, manutenção e uso dos recursos que satisfazem necessidades (alimentação, transporte, lazer, segurança, moradia, vestuário etc.). O trabalho para obter dinheiro ocupa grande parte das horas acordadas de muitas pessoas. Adicionando o tempo de deslocamento, cursos (profissionalizante, graduação, pós-graduação, educação continuada etc.), verifica-se que quase todo o tempo desperto das pessoas é destinado ao processo econômico. Num levantamento informal com alunos de graduação em Ciências Contábeis e Administração da Universidade Federal Fluminense, entre 2008 e 2013, a dedicação média era superior a 80%.

Sem a pretensão de apresentar uma definição consensual, considera-se poder, para fins deste texto, como a capacidade de controlar ou influenciar, direta ou indiretamente, o comportamento de algo ou alguém. Quanto à motivação para a busca pelo poder, Backer (2005: 171-172) faz a seguinte distinção: “*A ambição pode levar as pessoas a procurar o poder político e profissional. [...] O poder pessoal, contudo, é motivado pelo amor [...]*.” Em conformidade com a argumentação apresentada no presente tópico, entende-se que o tipo de poder almejado pela TEP, baseada na escassez e estimuladora das características humanas menos elogiáveis, é o poder social (político, profissional, econômico, religioso etc.), motivado pela ambição. Em outras palavras, a Teoria Econômica Predominante estimula a busca pela capacidade de controlar ou influenciar o comportamento de outras pessoas – âmbito externo ao ser. Por exemplo, alguns desejam ter uma casa grande, mas não querem se dedicar à sua limpeza. Ao acumular poder econômico suficiente, pode-se influenciar alguém menos afortunado para realizar a indesejada faxina. Este, provavelmente, não faria tal serviço se não houvesse o estímulo econômico (remuneração). Ou seja, quanto maior o poder econômico acumulado, maior é a capacidade de consumir e delegar para outros as tarefas indesejáveis associadas. Assim as pessoas se distanciam dos impactos socioambientais de suas ações e isso estimula o consumo irresponsável.

Estes esclarecimentos permitem estabelecer a relação entre a Teoria Econômica Predominante e a busca pelo poder social. Para tanto formula-se a seguinte questão: o que acontece com o detentor de um recurso que se torna mais escasso⁶? Respondendo com um exemplo, o possuidor de uma concessão para explorar uma fonte de água mineral ficará mais rico e poderoso se a água for mais escassa, situação geradora de desigualdade. Isso porque a miopia da Teoria Econômica Predominante despreza os bens abundantes e valoriza a falta, a escassez. Estudos desenvolvidos pelas Nações Unidas (ONU) indicam que o mundo, inclusive os EUA, está cada vez mais rico e desigual, confirmando a validade desta argumentação – Stiglitz (2013), Lévesque (2007: 50), Birdsall (2006), Rodrigues e Vasconcellos (2005), Tapscott e Ticoll (2005: 226).

Portanto, ao buscar o crescimento econômico (de fato, o poder social), o indivíduo se torna, consciente ou inconscientemente, um agente de expansão da escassez, prejudicando as relações sociais e o meio ambiente. Para realizar a difícil tarefa de recusar

⁶ O conceito de escassez é mais abrangente que a inexistência de uma quantidade suficiente de produtos para satisfazer as necessidades das pessoas. Atribuir valor simbólico para elevar o preço dos bens e serviços, tornando-os acessíveis somente para poucos, também se caracteriza como escassez. A propaganda e a tecnologia têm se constituído em instrumentos efetivos para criar esse tipo sutil de escassez. Sobre a expansão da escassez estimulada pela propaganda e tecnologia, ver Silva (2006: 139-150 e 161 a 169, respectivamente).

o poder social, especialmente o econômico, torna-se necessária a desvinculação em relação às bússolas que orientam a maioria dos comportamentos cotidianos, ou seja, os indicadores econômicos. O próximo tópico oferece uma contribuição sobre esse assunto, na medida em que esclarece a perversidade inerente à concepção desses indicadores.

Entendendo os Indicadores Econômicos

Em virtude da chamada crise econômica, é possível observar um número considerável de pessoas ansiosas e temerosas porque existem fortes evidências de queda significativa da atividade econômica. O mais conhecido indicador da atividade econômica é o Produto Interno Bruto (PIB). Décadas de discursos herméticos sobre Economia inculcaram a ilusão de que a prosperidade geral está diretamente relacionada com o comportamento do PIB. O relatório sobre a situação da população mundial da UNFPA Fundo das Nações Unidas para População (2017: 97) desconstrói categoricamente esse engodo com a seguinte constatação:

Não há um exemplo melhor de medida inadequada do que a forte dependência do PIB como um indicador de bem-estar nacional. Segundo esse padrão, um país africano teve um rápido crescimento de 6% ao ano, entre 1998 e 2010. Enquanto isso, a taxa de pobreza disparou de 43% para 64%, afetando 4 milhões de pessoas [...].

Apesar de o PIB ser reconhecido há muito tempo como uma medida inadequada de bem-estar, as desigualdades atuais tornam urgente o desenvolvimento de alternativas ou opções complementares, como a Agenda 2030 requer [...]

Depreende-se, portanto, que pessoas estão ansiosas e temerosas por causa de uma ilusão, uma falácia. Esta afirmação é simplificadamente demonstrada a seguir. Antes, entretanto, é necessário identificar o objeto da Teoria Econômica Predominante. Morcillo e Troster (1994: 8) afirmam que o bem econômico é o objeto de estudo da Economia. As características dos bens econômicos são a escassez (conforme destacado antes) e a capacidade de apropriação por alguns, em detrimento de outros (exclusão social fomentadora da escassez). Isso indica que os bens livres (ilimitados, muito abundantes ou incapazes de serem apropriados) são desprezados. Todavia estes também satisfazem direta ou indiretamente os nossos desejos e necessidades, sendo alguns deles indispensáveis para a vida (ar, luz solar, temperatura etc.). Com base nessas evidências, os bens livres poderiam ser desperdiçados e usados irracionalmente porque não têm valor para a

Economia dominante - Pinho e Vasconcelos (1998: 12). A apuração do PIB segue essa orientação.

Esclarecido o objeto da Teoria Econômica Predominante, base do PIB, pode-se retomar a análise do conteúdo deste indicador. Utilizar-se-á um exemplo para facilitar a compreensão. Inicia-se com a seguinte questão: como um jornalista divulgaria a seguinte notícia: “o país cresceu 20%, nos últimos 12 meses, segundo o PIB”? Ele provavelmente a anunciaria com grande entusiasmo⁷. Em virtude da ilusão generalizada em relação ao PIB, esta notícia também seria recebida com euforia pelos telespectadores porque associariam o “*bom desempenho*” da Economia dominante com elevação da prosperidade geral. Propõe-se o armazenamento dessa imagem para retomá-la após a análise de alguns itens efetuada a seguir. Tal análise deve recair sobre a importância dos seguintes itens para a vida e para a Economia dominante:

1. AR. É impossível ficar vinte minutos sem respirar; logo entende-se que o ar é vital. Para a Economia dominante o ar não integra o seu objeto, pois, até o momento, ele é abundante e não pode ser apropriado – bem livre⁸. Em outras palavras, seu envenenamento é ignorado pelo cálculo do PIB porque não se constitui num bem econômico.
2. COESÃO SOCIAL. A humanidade provavelmente não existiria sem a coesão social – Wilson (2013); logo a qualidade de vida do ser humano é fortemente influenciada por este item. A Economia dominante também a despreza (bem livre). Sua deterioração pode inclusive elevar este indicador por causa do crescimento da necessidade de serviços econômicos para tentar atenuar a insegurança decorrente da falta de coesão social (vigilância, cercas eletrificadas, câmeras, interfones, grades etc., setores econômicos em franca expansão).

⁷ Os meios de comunicação em massa transmitem as notícias em conformidade com seus interesses. Uma dada notícia pode ser transmitida com entusiasmo, neutralidade ou pessimismo. Considerando que os países que atualmente lideram o crescimento do PIB apresentam variações inferiores a 10%aa. e que o crescimento do PIB é amplamente percebido como desejável, parece razoável supor que um crescimento do PIB de 20%aa. seria um resultado estupendo.

⁸ Quando se queima galhos e folhas secas para “limpar” o terreno, está-se consumindo o recurso ar. Recebe-se alguma conta para pagar (como luz, água, gás etc.)? Não porque o ar é desprezado pela economia (e por muitos) – não tem valor. Outra situação: suponha-se que seja necessário fazer um reparo na parte submersa de uma plataforma submarina. O corpo humano não está apto para respirar debaixo da água; logo, nessa situação, o ar respirável é escasso. Nesse caso, o ar respirável se torna objeto da TEP, pois atende ao seu conceito fundamental - escassez. Surge, então, a oportunidade de exploração econômica do serviço de comprimir e vender ar respirável em cilindros (apropriação). O lamentável é que a TEP só considera o ar quando ele se torna escasso, desviando a atenção das recomendáveis ações para sua preservação.

3. CIGARRO. A vida seguiria seu curso normal sem ele, provavelmente em melhores condições. Portanto o cigarro é, no mínimo, irrelevante para a vida. Todavia, para o PIB, ele é importante e movimenta um poderoso segmento econômico.⁹
4. ARMAMENTOS. Eles não se harmonizam com a vida. Entretanto, para o PIB, representam o maior setor da economia mundial – Oliveira (2017: 106).¹⁰
5. AGROTÓXICOS. Por serem tóxicos, eles também não se harmonizam com a vida. Hoje o Brasil está entre os maiores consumidores de veneno na atividade rural, sendo a “agromineração” um relevante contribuinte para o PIB nacional.
6. ACIDENTES DE TRÂNSITO. É óbvio que eles são contrários à vida. Contudo, eles fornecem contribuições para o crescimento do PIB – seguros, oficinas mecânicas, fabricação de automóveis, assistência médica, assistência jurídica, assistência funerária etc.

Com base no exposto, pode-se construir a ilustração 3, apresentada a seguir.

Itens	Importância para:	
	TEP/PIB	VIDA
Qualidade do ar	não	sim
Coesão social	não	sim
Cigarro	sim	não
Armamentos	sim	não
Agrotóxicos	sim	não
Acidentes de trânsito	sim	não

Ilustração 3: Confronto entre a vida e a TEP/PIB

Para concluir esta atividade sobre a compreensão dos indicadores econômicos baseados na escassez, sugere-se a seguinte pergunta especulativa: se o aumento do PIB anual de 20%aa. que o jornalista deveria anunciar (mencionado antes) fosse gerado por operações que poluíram o ar, causaram desagregação social, elevaram a produção e consumo de cigarros, armas e agrotóxicos, bem como por aumento dos acidentes de trânsito, tal evento mereceria algum tipo de comemoração? Supõe-se que não.

⁹ Sobre esse assunto, recomenda-se o filme: “Obrigado por fumar” (Twentieth Century Fox, 2007).

¹⁰ Sobre esse assunto, recomenda-se o filme: “O Senhor das Armas” (Alpha Filmes, 2005). Ele aborda, baseado em fatos reais, o lucrativo comércio ilegal de armas, embora apresente sua ligação com o comércio oficial. Sendo o setor de armamentos o maior do mundo e a elevação do PIB desejável, caberia a desconfortável pergunta: deve-se desejar o fim ou a continuidade das guerras? O fim dos conflitos armados seria um duro golpe no maior setor econômico do Planeta e afetaria negativamente a economia mundial e o nível de empregos. Sugere-se, novamente, o filme: “Fahrenheit – 11 de setembro” (Europa Filmes/Cannes Produções S/A, 2003) que se consubstancia numa aula sobre a contribuição que os conflitos armados fornecem para o crescimento econômico/acúmulo de poder social.

Espera-se que esta argumentação tenha sido suficiente e competente para demonstrar que prosperidade geral não possui relação direta com o comportamento do PIB. Ele não foi concebido para esta finalidade. Seu real objetivo é medir a acumulação de poder econômico (social). Para este fim ele é efetivo, bastando observar sua quase que consensual aceitação como indicador de desempenho econômico.

Pelo exposto deve-se reavaliar a percepção sobre a evolução da Economia dominante (PIB e assemelhados). A chamada crise econômica consiste em declínio do PIB. Interpretando-se ilusoriamente este evento como redução da prosperidade geral, seriam compreensíveis os sentimentos de angústia e receio. Contudo, considerando que essa é uma medida de acumulação de poder social e que existe uma inaceitável desigualdade no Planeta, pelo contrário, esta crise econômica pode ser interpretada como um evento portador de uma oportunidade ímpar para a transformação da visão de mundo dominante.

A argumentação apresentada permite deduzir que a adoção desta estrutura conceitual concentradora de poder social para monitorar e avaliar os empreendimentos da Economia Solidária teria como resultado inexorável ou a descontinuidade dos empreendimentos que preservam seus princípios solidários ou a continuidade dos empreendimentos que deles se emanciparam. Isso respalda a busca por alternativas.

Existiria uma alternativa para a Teoria Econômica Predominante?

As soluções para a crise econômica são buscadas na estrutura conceitual que a causou e, por isso, parecem carecer de coerência e/ou legitimidade. Supõe-se que seja necessária, portanto, a concepção de alternativas à visão dominante. Sobre esse aspecto, Abramovay (2012: 15) afirma que:

O mundo precisa de uma nova economia. A maneira como se organiza hoje o uso dos recursos dos quais depende a reprodução social não atende ao propósito de favorecer a ampliação permanente das liberdades substantivas dos seres humanos, apesar da imensa e crescente prosperidade material. A destruição ou séria ameaça a nada menos que 16 dos 24 serviços prestados pelos ecossistemas à sociedade mostra que a pujança tem pés de barro.

Vários estudiosos têm se dedicado à criação de uma estrutura conceitual alternativa para a Economia - Maheshvarananda (2012), Arruda (2009), Henderson (2003; 1996), dentre outros. Neste capítulo a proposta considerada é a Economia Baseada na Abundância (EBA!), definida como uma área do conhecimento que lida com as formas de eliminar ou

satisfazer as necessidades de bens e serviços, visando alcançar a abundância para todos os seres que habitam a Terra – Silva (2006: 65). Detalha-se, a seguir, seu conteúdo.

A expressão: *área do conhecimento que lida com as formas de eliminar ou satisfazer as necessidades de bens e serviços* esclarece seu objeto, ou seja, as ações que eliminam ou satisfazem necessidades. Ela considera todos os bens econômicos e livres capazes de atender necessidades. Assim uma atividade que tornasse escasso um bem livre (ar respirável, por exemplo) para produzir um bem econômico (cigarro, por exemplo) não seria invariavelmente computada como um aumento da prosperidade. Isso é fulcral para a preservação ambiental. O efeito líquido da atividade sobre as necessidades seria o resultado monitorado. Deste modo o empreendimento poluidor ou que deteriora o tecido social teria dificuldade para justificar sua existência. Ela também destaca a importância do estudo das necessidades e considera a possibilidade de ampliação da abundância através da eliminação das mesmas. A Economia dominante despreza essa possibilidade, como pode ser constatado a seguir – Rossetti (2000: 209-210):

[...] O progresso não elimina necessidades. Contrariamente, ele renova as antigas e cria outras. [...] Como C. Gide já observava no início do século, em seu Cours d'économie politique, as necessidades humanas ampliadas são a motivação maior da atividade econômica. 'A logicidade da economia fundamenta-se no atendimento das novas aspirações humanas, mesmo porque civilizar um povo nada mais é do que despertá-lo para necessidades novas' – concluía o mestre francês.

Constata-se, portanto, que a Economia dominante despreza a expansão da abundância decorrente da eliminação das necessidades, em severa desarmonia com grandes inspiradores da humanidade (Buda, Sócrates, Epicuro, Jesus, Thoreau, Tolstoi, Gandhi etc.). A melhoria da saúde da população, o fim das guerras e a redução do vício de fumar, por conseguinte, prejudicariam a Economia dominante porque eliminariam necessidades de medicamentos, armas e cigarros, respectivamente. Como a Economia Baseada na Abundância (EBA!) orienta para a abundância, a eliminação das necessidades indesejáveis se torna interessante.

Já a expressão: *visando alcançar a abundância* delimita sua função, isto é, incentivar a construção de um ambiente em que as necessidades sejam facilmente satisfeitas. Isso implica na criação de meios adequados para:

- desestimular as necessidades que não se vinculam ao bem-estar individual e coletivo; e
- disponibilizar, com o menor ônus possível, os bens que satisfaçam as demais.

Isso também representaria uma ampliação de escopo porque seu objetivo deixaria de se resumir à otimização da produção de bens econômicos com os recursos escassos existentes e passaria a ser o alcance e a manutenção da abundância, uma tarefa harmônica com as expectativas de um futuro com maiores liberdades.

Finalizando a análise da referida definição, a expressão: *para todos os seres que habitam a Terra* consiste numa grande ampliação de escopo porque inclui, além de toda humanidade¹¹, os demais seres como seus beneficiários. Estes seriam parceiros dignos de respeito e consideração. A definição apresentada supõe que há um vínculo entre bem-estar do indivíduo e aquele experimentado pelo Planeta. Em outras palavras, o acesso facilitado para as pessoas à água potável, por exemplo, exige uma incomensurável rede de seres não humanos – árvores, bactérias, minhocas, formigas, pássaros, abelhas, morcegos etc. Portanto as suas necessidades também precisam ser atendidas. Tal proposta pode soar descabida, porém Capra (2005: 37) assim se manifesta sobre esse aspecto:

[...] Na medida em que nos retiramos para nossas mentes [ênfase exagerada para o pensamento racional], esquecemos como ‘pensar’ com nossos corpos, de que modo usá-los como agentes de conhecimento. Assim fazendo, também nos desligamos do nosso meio ambiente natural e esquecemos como comungar e cooperar com sua rica variedade de organismos vivos.

Pelo exposto a superação da atual crise civilizacional parece exigir que os seres humanos cooperem com os demais organismos vivos para favorecer a sua própria existência, aspecto que se harmoniza com a definição de Economia que inclui todos como seus beneficiários.

A ilustração 4 apresenta as principais diferenças entre a Economia Baseada na Abundância (EBA!) e a Teoria Econômica Predominante (TEP).

TEP	EBA!
Escassez	Abundância
Medo	Amor
Exclusão	Acolhimento, inclusão
Competição	Cooperação
Autointeresse, egoísmo	Equidade, “Somos todos um”
Racionalidade	Consciência
Poder social (exterior)/alienação	Poder interior/partilha/envolvimento
Transformar bens livres em econômicos	Transformar bens econômicos em livres

Ilustração 4: Principais diferenças entre TEP e EBA!

¹¹ A Economia dominante só atende àqueles que possuem dinheiro para adquirir bens econômicos – Oliveira (2017: 86).

Com base na definição apresentada, estudiosos poderiam desenvolver um novo conjunto de conceitos que ajude a identificar e superar os problemas relacionados com o atendimento das necessidades, proporcionando abundância e bem-estar individual e coletivo.¹² Supõe-se que isso estimularia a continuidade dos empreendimentos solidários e a descontinuidade dos demais, promovendo a Economia Solidária.

Economia Baseada na Abundância (EBA!) e Movimentos Mundiais

Como colocar a Economia Baseada na Abundância (EBA!) em prática? Embora inexista qualquer impedimento para se ingressar imediatamente no processo individual de sua integração ao cotidiano¹³, a resposta não é trivial. Isso porque parece não haver no imaginário da maioria das pessoas o vislumbre sobre outra forma de se perceber o mundo e se comportar nele. Muitos parecem desejar um mundo melhor, mas dentro dos limites conhecidos e nos quais a atual crise civilizacional parece insuperável.

Uma via para superar esse obstáculo poderia ser a consideração da premissa de que a observação de vários movimentos portadores de uma perspectiva alternativa poderia contribuir para a demonstração do pragmatismo da EBA!. Os integrantes desses movimentos têm a inglória tarefa de vencer os devastadores argumentos oriundos da Teoria Econômica Predominante (TEP). Muitas iniciativas que se propõem transformadoras (empreendimentos de economia solidária, experiências com moedas sociais etc.) são avaliadas por indicadores baseados na TEP, fato que se consubstancia numa contradição, como argumentado antes.

A EBA!, por seu turno, oferece o suporte conceitual para o desenvolvimento e integração das propostas desses movimentos mundiais pelas pessoas e a consequente transformação dos seus comportamentos cotidianos. Considera-se, portanto, com base nessa premissa, que a associação entre a EBA! (fundamento conceitual) e esses movimentos mundiais (orientações já praticadas por muitos) seja um interessante caminho para o aproveitamento da oportunidade contemporânea de refinamento da consciência.

Em virtude do exposto são relacionados, a seguir, três desses vários movimentos mundiais com breves comentários sobre seus oportunos objetivos, harmonia com a EBA! e conflito com a TEP.

¹² Ver Silva (2006).

¹³ É desnecessário que algum sistema, partido político, ideologia etc. conquise posição relevante ou adversário seja vencido. Representa um processo interno e individual, embora a existência de um ambiente favorável contribua sobremaneira para o sucesso dessa experiência singular.

- **SIMPLICIDADE VOLUNTÁRIA** - seu lema é bastante sugestivo: “*busca por um estilo de vida exteriormente simples, porém interiormente rico*”. Consubstancia-se numa poderosa ferramenta de autoconhecimento, pois orienta para a identificação daquilo que realmente é essencial para a vida plena do ser singular que é cada indivíduo. Realizada esta identificação, segue-se com empenho para a fruição desse essencial (evitando privações), restringindo-se a ele (evitando desperdícios e diluição da atenção¹⁴), objetivando uma vida mais leve, significativa e livre. Destaca-se sua contribuição para a coletividade porque atua sobre: (a) a ilusão de que bens materiais são os únicos promotores de aceitação social; e (b) o enorme desperdício de recursos com itens irrelevantes e/ou prejudiciais à vida (preservação ambiental)¹⁵. Percebe-se sua harmonia com a EBA! no que se refere ao aumento da abundância através da eliminação das necessidades, opção desprezada pela TEP, conforme argumentado.
- **ÓCIO CRIATIVO** – além da chamada “*má distribuição da riqueza*”, verifica-se também a perversa distribuição do trabalho. Enquanto muitas pessoas trabalham demais, inviabilizando a destinação da devida atenção para outras áreas de experiência da vida (saúde, relacionamentos afetivos, autoconhecimento, cidadania etc.), desequilibrando e afastando a pessoa do bem-estar duradouro, outras não conseguem trabalhar e garantir seu sustento. Uma das várias propostas desse movimento é distribuir adequadamente as horas de trabalho das pessoas para que se trabalhe só o suficiente para atender as necessidades¹⁶ (ligação com Simplicidade Voluntária) e para que todos tenham a mesma oportunidade. Isso seria alcançado através de reduções radicais da jornada de trabalho. Destaca-se esta proposta, dentre as várias amparadas por este movimento, porque se supõe que ela represente uma poderosa ferramenta para lidar agradavelmente com o temido problema do desemprego. Ademais a evolução dessas ideias poderia levar a uma visão totalmente transformadora, ou seja: *quanto menos consumo, menos trabalho, mais liberdade*. Supõe-se que esta seja uma orientação valiosa para o equacionamento do grave problema socioambiental da atualidade.¹⁷ Sua harmonia com a EBA!, no que se refere à parte destacada do

¹⁴ A atenção é fulcral para a abordagem proposta. Sobre este assunto, ver: Leloup (2002).

¹⁵ Ver: Elgin (1993).

¹⁶ Necessidades subjetivamente inventariadas. Pode incluir o que alguns classificariam como desejos. Optou-se pela dissolução da fronteira entre necessidades e desejos porque, além da subjetividade inerente, supõe-se que ambos são capazes de influenciar comportamentos que, cf. *supra*, deveriam ser objeto de reflexão e, se for o caso, transformação.

¹⁷ Ver: De Masi (2000). Isso representaria um antídoto poderoso contra o sentimento de impotência em relação às nefastas consequências da crise econômica, pois atua sobre a relação ilusória entre crescimento

movimento, parece evidente porque prioriza a atenção sobre o sentido da vida e das necessidades, enquanto a TEP prioriza consumo e acumulação.

- DEVAGAR – propõe um estilo de vida que favorece o desfrute mais profundo das experiências cotidianas. Atenção adequada deveria ser destinada para todas as áreas da vida – alimentação, lazer, trabalho, relacionamentos, cidadania etc. Isso requeria tempo (ligação com Ócio Criativo e Simplicidade Voluntária) e seria a antítese da orientação dominante para cultivar a rapidez, eficiência, acumulação, competição, descarte etc. Em outras palavras, seria criar uma disponibilidade interna para desfrutar, calma e intensamente, as oportunidades que a vida proporciona, favorecendo a percepção da beleza, encanto, harmonia, sabor, sons, aromas etc. Supõe-se que os problemas sociais e ambientais são fortemente estimulados pela desconsideração desses aspectos que dão sentido à vida¹⁸. Sua harmonia com a EBA! se consubstancia no entendimento de que os acontecimentos e comportamentos cotidianos (inclui consumo e acumulação) são oportunidades para o autoconhecimento, merecendo atenção qualificada para estimular a expressão plena do ser. A TEP, pelo contrário, ao preconizar que o tempo é um recurso escasso (“*tempo é dinheiro*”), estimula a execução do maior número de tarefas, no menor tempo possível, para que a pessoa se sinta dinâmica, competitiva, ativa, eficiente, produtiva e aceita.

Espera-se que estes comentários sobre os movimentos da Simplicidade Voluntária, Ócio Criativo e Devagar, bem como sua harmonia com a EBA!, tenham sido suficientes e competentes para caracterizar as suas potenciais contribuições recíprocas. Existem muitos outros – Cidadania Mundial, Ecotarianismo, Permacultura, Agroecologia, Ecovilas, Interreligioso, Resgate do Feminino, Voluntariado, Defesa dos Direitos dos Seres Vivos, Abordagem Quântica de Ciência, Decrescimento, Democracia Econômica (Progressive Utilisation Theory-PROUT), Zeitgeist, Cidades em Transição, Somos Todos UM etc. Isso significa um vasto campo para investigações transdisciplinares capazes de proporcionar encaminhamentos coerentes e legítimos para a crise civilizacional da atualidade.

Conclusão

As reflexões oferecidas evidenciaram que a chamada crise econômica pode ser experimentada como uma oportunidade para o refinamento da consciência (individual e

econômico e sobrevivência/emprego. Assim investir-se-ia na possibilidade de se viver melhor, ainda que a atividade econômica diminuísse radicalmente.

¹⁸ Ver: Honoré (2005).

coletiva). Para tanto seria fundamental que se percebesse a falácia de que o crescimento econômico baseado na escassez tem relação direta com prosperidade geral. Destacou-se que os comportamentos cotidianos das pessoas, buscando poder social, motivadas pela ambição, estão causando os problemas sociais e ambientais que prejudicam a qualidade de vida de todos e colocam em risco a existência da humanidade.

A argumentação também indica que seria relevante diluir o poder social concentrado em séculos de comportamentos pouco elogiáveis. Para tanto seria interessante transformar os sentimentos em relação à Economia dominante para estimular a manifestação de coragem, amor, solidariedade, cooperação, perseverança na orientação pelos valores morais sólidos e prática das virtudes, características harmônicas com a Economia Solidária. Assim a chamada crise econômica poderia se transformar numa oportunidade sem precedentes para a evolução da humanidade. Se o resultado da atual crise será a intensificação da concentração do poder social (como nas crises anteriores) ou a sua diluição, isso dependerá das escolhas individuais, da visão de mundo que se manifestará através dos comportamentos cotidianos de todos.

A transformação do conceito de riqueza – de escassez para abundância - poderia favorecer a expressão de uma vida mais plena. Existem alternativas. A Economia Baseada na Abundância (EBA!) é uma delas. Parece não ser imprescindível a submissão ao sofrimento sem significado. A consideração dessa orientação alternativa descortina um interessante horizonte a ser explorado por estudiosos desejosos de oferecer contribuições para a satisfação das legítimas necessidades de todos os seres da Terra.

Foram analisados, sumariamente, três movimentos que são harmônicos com a EBA!. Sua associação com Simplicidade Voluntária, Devagar e Ócio Criativo, que propõem perspectivas diferentes da dominante (estilo de vida frugal; viver calma e atentamente as experiências cotidianas; trabalhar menos, melhor e com sentido etc.), parece um caminho interessante para estimular a percepção do presente como uma oportunidade de refinamento da consciência, em vez de decadência, degradação. Existem muitos outros movimentos mundiais. A familiaridade com eles facilitaria o vislumbre de outra concepção de realidade capaz de transformar os comportamentos cotidianos. Tal atitude contribuiria sobremaneira para o recrudescimento da Economia Solidária.

Finaliza-se com as palavras do Lama Padma Samten, co-autor de um livro sobre Economia¹⁹, a respeito do atual momento da humanidade e que sintetizam adequadamente as reflexões efetuadas. Elas são as seguintes:

A noção do colapso da economia é um sintoma da doença da 'inteligência financeira'. O Sol segue nascendo a leste e se pondo a oeste. As plantas crescem, os animais crescem, os rios correm, nossos filhos estudam e avançam, nós produzimos e colhemos, comemos e temos saúde; a crise está onde? Está nos setores onde o Sol, as plantas, os animais, os rios, os filhos, a saúde e a felicidade não importam.

Referências Bibliográficas

- ABRAMOVAY, Ricardo. *Muito além da economia verde*. São Paulo: Abril, 2012.
- ARRUDA, Marcos. *Educação para uma economia do amor: educação da práxis e economia solidária*. Aparecida; São Paulo: Ideias & Letras, 2009.
- BAKER, Mark W. *Jesus. O maior psicólogo que já existiu*. Rio de Janeiro: Sextante, 2005.
- BIRDSALL, Nancy. The world is not flat. Inequality and injustice in our global economy. *WIDER Annual Lecture 9*, Helsinki: UNU World Institute for Development Economics Research, 2006.
- CAPRA, Fritjof. *O ponto de mutação: a ciência, a sociedade e a cultura emergente*. 25 ed. São Paulo: Cultrix, 2005.
- _____. *As conexões ocultas. Ciência para uma vida sustentável*. São Paulo: Cultrix, 2002a.
- _____. *Sabedoria incomum: conversas com pessoas notáveis*. 8 ed. São Paulo: Cultrix, 2002b.
- CATTANI, Antonio David (org.). *A outra economia*. Porto Alegre: Veraz, 2003.
- DE MASI, Domenico. *O ócio criativo*. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.
- ELGIN, Duane. *Simplicidade voluntária. Em busca de um estilo de vida exteriormente simples, mas interiormente rico*. São Paulo: Cultrix, 1993.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- HARMAN, Willis. *Uma total mudança de mentalidade: as promessas dos últimos anos do século XX*. São Paulo: Cultrix; Pensamento, 1994.
- HENDERSON, Hazel. *Além da globalização: modelando uma economia global sustentável*, São Paulo: Cultrix, 2003.

¹⁹ Samten e Caruso Jr. (2004).

- _____. *Construindo um mundo onde todos ganhem: a vida depois da guerra da economia global*. São Paulo: Cultrix, 1996.
- HONORÉ, Carl. *Devagar. Como um movimento mundial está desafiando o culto da velocidade*. São Paulo: Record, 2005.
- HOU, Wee Chow; SHEANG, Lee Khai; HIDAJAT, Bambang Walujo. *Sun Tzu. A arte da guerra e do gerenciamento*. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- LELOUP, Jean-Yves. *A arte da atenção*. Campinas: Verus, 2002.
- LÉVESQUE, Benoit. Contribuição da nova sociologia para repensar a economia no sentido do desenvolvimento sustentável. *Revista de Administração de Empresas*, 47(2), 49-60, abr./jun. 2007.
- MAHESHVARANANDA, Dada. *After capitalism: economic democracy in action*. San Germán (Puerto Rico): InnerWorld, 2012. (www.innerworldpublications.com)
- MORCILLO, Francisco Mochón; TROSTER, Roberto Luis. *Introdução à economia*. São Paulo: Makron Books, 1994.
- OLIVEIRA, Marcus Eduardo de. *Economia destrutiva: a utopia da mudança de paradigma; ensaio sobre o crescimento econômico e os consequentes impactos ambientais*. Curitiba: CRV, 2017.
- PINHO, Diva Benevides; VASCONCELLOS, Marco Antonio S. (orgs.). *Manual de economia*. 3 ed. São Paulo: Saraiva, 1998.
- RODRIGUES, Luciana; VASCONCELLOS, Carlos. Distância sem fim. Mais rico e mais desigual. Economia cresce no mundo, mas ONU diz que aumenta a disparidade entre países e pessoas, *O Globo*. Rio de Janeiro, 26/08/2005 (2. ed.), 23. (Caderno Economia)
- ROSSETTI, José Paschoal. *Introdução à economia*. 18 ed. São Paulo: Atlas, 2000.
- SAMTEN, Padma; CARUSO JR., Vitor. *O lama e o economista. Diálogos sobre budismo, economia e ecologia*. São Carlos: RiMa, 2004.
- SCHUMACHER, Ernst F. *O negócio é ser pequeno. Small is beautiful*. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.
- SILVA, Paulo Roberto da. *Consciência e abundância*. Niterói: edição do autor, 2006. (conscienciaeabundancia@yahoo.com.br)
- STIGLITZ, Joseph E. *O preço da desigualdade*. Lisboa: Bertrand, 2013.
- TAPSCOTT, Don; TICOLL, David. *A empresa transparente*. São Paulo: M. Books do Brasil, 2005.

- TOBEN, Bob; WOLF, Fred Alan. *Espaço-tempo e além. Rumo a uma explicação do inexplicável*. São Paulo: Cultrix, 2004.
- TOLSTOI, Leon. *O reino de Deus está em vós*. 2. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1994.
- UNFPA Fundo de População das Nações Unidas. Situação da população mundial 2017. Nova York: UNFPA, 2017. (<http://unfpa.org.br/swop2017/swop2017.pdf>)
- VARIAN, Hal R. *Microeconomia. Princípios básicos*. Rio de Janeiro: Campus, 2000.
- VASCONCELLOS, Marcos Antonio S.; GARCIA, Manuel E. *Fundamentos de economia*. São Paulo: Saraiva, 2000.
- VEIGA, José Eli da. Há Maddofs que vêm para bem. *Valor*. 23/dez./2008.
- WILSON, Edward O. *A conquista social da Terra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.